



A VALORIZAÇÃO DO LUGAR DA PALAVRA NO ESPAÇO LITÚRGICO À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II

*Valuing the place of the Word in the liturgical space in the light of the
Second Vatican Council*

João Paulo Lourenço de Aguiar Oliveira¹

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é dissertar acerca do ambão, espaço destinado à proclamação da Palavra de Deus nas igrejas católicas. Neste intuito, primeiramente, tomamos trechos da Sagradas Escrituras e verificamos que desde muito cedo os seguidores de Jesus tinham consciência da relação existente e inseparável entre a Palavra e a Eucaristia. Na sequência, traçamos um caminho desde a Igreja nascente até o final do século XIX, no qual verificamos que a Palavra sempre esteve presente como parte importante do rito. Ainda assim, nem sempre houve um espaço físico destinado à sua proclamação. Neste percurso, observamos o ambão, o púlpito e a estante. Sobre o último item, refletimos a contribuição do Concílio Vaticano II e de sua reforma litúrgica. Constatamos que, a partir deste momento histórico, um lugar apropriado e digno é novamente fixado nas igrejas, destinado às leituras dos textos Sagrados, bem como à Proclamação do Evangelho. Por fim, destacamos a necessidade de zelar pelo local destinado unicamente à comunhão da Palavra, e não para outros fins.

PALAVRAS-CHAVE: Ambão; Concílio Vaticano II; Palavra; Escrituras; Comunhão.

ABSTRACT: The main purpose of this paper is to discuss the ambo, a space for the proclamation of the Word of God in catholic churches. To this end, we first take excerpts from Sacred Scripture and verify that from a very early age the followers of Jesus were aware of the existing and inseparable relationship between the Word and the Eucharist. We then trace a path from the nascent Church to the end of the 19th century, in which we find that the Word has always been present as an important part of the rite. Even so, there was not always a physical space for its proclamation. In this journey, we observe the ambo, the pulpit and the bookcase. On the last item, we reflect on the contribution of the Second Vatican Council and its liturgical reform. We note that, from this historical moment, an appropriate and dignified place is again fixed in the churches, destined for the readings of the Sacred texts, as well as for the Proclamation of the Gospel. Finally, we emphasize the need to take care of the place destined solely for the communion of the Word, and not for other purposes.

KEYWORDS: Ambo; Second Vatican Council; Word; Scriptures; Communion.

¹ Especialista em arquitetura e arte sacra do espaço litúrgico pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: joao.paulo.de.aguiar@hotmail.com

Nosso Senhor, no início do quarto capítulo de Mateus, quando era tentado pelo maligno para que transformasse pedra em pão, respondeu-lhe citando a Sagrada Escritura: “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”². Na oração Sacerdotal, Jesus volta à Palavra, “Santifica-os na verdade, tua Palavra é verdade”³. Sobre a escuta atenta da Palavra o Senhor exorta aos seus: “Quem escuta a minha Palavra e crê naquele que me enviou tem vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte à vida”⁴. Notamos assim que a Palavra está intimamente relacionada com o coração dos cristãos, com a forma que celebram e vivem a fé.

Nos Atos dos Apóstolos verificamos o surgimento das primeiras comunidades, atentas aos ensinamentos apostólicos, a comunhão, a fração do pão e as orações, vivendo na simplicidade de coração e louvando a Deus⁵. Viviam em um só coração e uma só alma, tudo era comum e testemunhavam com os Apóstolos a Ressurreição⁶, celebravam o culto e jejuavam pelo Senhor⁷. Desde as primeiras reuniões, os seguidores de Jesus já haviam gravado a íntima relação entre a Palavra e a fração do Pão.

São Paulo em Trôade, em um domingo, antes de partir para outro lugar se reuniu com a Comunidade para a Eucaristia. Ele que antes falava a todos de modo apaixonado, prolonga a Palavra, um rapaz adormece, cai da janela do terceiro andar e morre. O Apóstolo interrompe a celebração, ressuscita o rapaz e continua a celebrar, parte o Pão e partilha a Palavra.⁸ “Pois a Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e espírito, juntas e medulas”⁹. É nesta Palavra que São Pedro confessa a sua fé “Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna”¹⁰.

1. O lugar da Palavra e suas variações pelos séculos

Tomando o Novo Testamento, verificamos que, desde o início da Igreja os cristãos tinham muito claro a íntima relação entre a Celebração do Pão e a escuta atenta dos ensinamentos do Senhor pela palavra dos Apóstolos, como força necessária para a

² Mt 4, 4.

³ Jo 17, 17.

⁴ Jo 5, 24

⁵ Cf. At 2, 42-47.

⁶ Cf. At 4, 32-33.

⁷ Cf. At 13, 2.

⁸ Cf. At 20, 7-12

⁹ Hb 4, 12.

¹⁰ Jo 6, 68.

perseverança na fé, início e base da evangelização. O número de cristãos aumentava gradativamente a cada ano. Averiguamos que desde então os cristãos não deixaram mais de se reunir e celebrar, sendo que, ainda no século I a edificação da “Casa da Igreja”¹¹ não demorou muito para ficar pequena¹².

Durante o século II foram edificadas algumas igrejas, para o culto “público”, até o início das perseguições em que foi ordenada a sua destruição. Desde então, até o início do século IV os primeiros cristãos, poucos numerosos, se reuniam às escondidas, quando começaram a ser observados pelo modo que agiam e eram. Isso durou até alguns anos após o Édito de Milão (313), era preciso esperar o cair da tarde para celebrar a Ação de Graças. É junto das catacumbas¹³, abrigo permanente adjacente aos primeiros cemitérios cristãos, embaixo da terra, como a semente enterrada que germina, que a Igreja se difunde como uma árvore frondosa de raízes profundas. Aí estão, então, o lugar no qual a Palavra evangélica se espalha, entre os humildes da sociedade romana, as primeiras testemunhas do Senhor triunfantes pela caridade e pela fidelidade¹⁴.

No século IV, pode-se encontrar alguns registros dos Santos Padres sobre a missa, a qual já se dividia em duas partes importantes, uma geral e outra específica. Na parte geral da missa estava a escuta atenta da Palavra, da qual todos participavam, todos comungavam da Palavra sem restrições.¹⁵ Na segunda parte reservada aos fiéis já iniciados pelo Batismo, realizava-se o Sacrifício e a plenitude do mistério. Deste período, pela descrição de São Cipriano, encontramos um local específico para a leitura da Palavra, como escreve o historiador eclesiástico Rops:

Subindo a um lugar elevado, a um púlpito, que São Cipriano comparará à tribuna onde os magistrados romanos administravam a justiça, um leitor faz ouvir diversos textos ordenados segundo o significado da festa que se celebra. Lê páginas do Antigo Testamento, da Lei e dos Profetas; trechos das cartas que os grandes chefes da cristandade tinham escrito no decurso do seu apostolado ou que um ou outro ainda escrevia: Epístolas de São Paulo, de São João, de São Pedro, de Santo Inácio e de São Clemente; ou ainda passagens dos Atos dos Apóstolos¹⁶.

¹¹ *Domus ecclesiae*: Igreja doméstica, igreja domiciliar ou casa da assembleia era uma residência romana aos moldes semelhante do espaço em que ocorreu a Santa Ceia, um segundo piso destinado à reunião dos cristãos.

¹² Cf. ROPS, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 213-214.

¹³ Nos refúgios subterrâneos que em sentimento de “paz”, em meio aos vastos corredores se encontravam salas para a reunião, lá de modo muito simples e familiar sem complicações, partilhavam o Pão elevavam as preces e outras súplicas comunitárias, escutavam atentamente os escritos da vida do Homem. É a partir deste momento, a partir dos textos, vão constituindo os Evangelhos.

¹⁴ Cf. ROPS, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 194.

¹⁵ Cf. ROPS, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 214.

¹⁶ Cf. ROPS, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 215.

Conferimos a existência de uma área própria para que todos pudessem escutar as leituras, e ela pudesse ser proferida com dignidade, todavia um lugar destinado a estas leituras não é novidade do povo cristão, mas possivelmente uma feliz adoção do *Tebá* das sinagogas. Do qual podemos tomar a passagem do livro de Neemias, na qual encontramos menção ao lugar em que o escriba fazia a leitura da Lei e todo o povo escutava atentamente, “O escriba Esdras estava sobre um estrado de madeira, construído para ocasião”¹⁷. Observamos também na passagem do Evangelho de Lucas onde Jesus, em dia de sábado, na sinagoga, em pé no devido lugar, faz a leitura do livro do Profeta Isaías¹⁸. A respeito desta passagem Boselli escreve:

Segundo o texto evangélico, as pessoas reunidas naquela sinagoga são as únicas a terem visto e ouvido Jesus ler as escrituras, em voz alta, dentro de uma assembleia litúrgica. Bem aventurada aquela assembleia porque é a única a ter escutado com seus ouvidos a Palavra ler as Escrituras!¹⁹

Para os fiéis, desde as primeiras comunidades, a leitura do Evangelho sempre teve uma maior atenção, como nas núpcias em Caná²⁰, o melhor é deixado por último. Assim:

De todas as leituras, a última, a essencial, é a do Evangelho, a palavra de Deus. Não é confiada a um simples leitor, mas aos diáconos, e a passagem é escolhida pelo próprio bispo; mais tarde, há de fixar-se esta ou aquela para determinados dias. “O Senhor esteja convosco!”. De pé, os fiéis escutam, numa espécie de posição de sentido que já os crentes do Templo observavam em Jerusalém²¹.

Conforme a Igreja foi aumentando, os modos de celebrar foram se consolidando e os ritos se firmando. Nas construções até o século XIII, encontravam-se tribunas: nas igrejas maiores duas, e nas menores uma, destinadas à proclamação da epístola e o outro o Evangelho. Na maioria das vezes estas se encontravam no meio da nave da igreja, uma à esquerda e outra à direita. Exemplos deste período podemos ver presentes nas igrejas de São Lourenço fora dos muros e São Clemente, entre outras, em Roma.

¹⁷ Ne 8,4.

¹⁸ Cf. Lc 4,16-21.

¹⁹ Cf. BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. v. 1. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 53.

²⁰ Cf. Jo 2, 10.

²¹ Cf. ROPS, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 215.



Figura 1: Imagem do presbitério e dos ambões da basílica de São Clemente.



Figura 2: Imagem do ambão da basílica de São Lourenço fora dos muros.

A Igreja sempre cuidou de utilizar-se da arte não somente como maneira de preencher ambientes vazios, mas também como meio de elevar o homem a Deus, Cristo é a face da beleza em si²². Deste modo notamos que a arte está presente nos ambões, como por exemplo o da catedral de Ravello, que é composto por um lance de escada que leva ao espaço da proclamação. Nele vemos o mosaico da figura de Jonas que permaneceu três dias no ventre do peixe e depois foi devolvido²³, bem como a porta aberta do sepulcro vazio, a imagem da morte e ressurreição do Senhor²⁴.

A partir do século XIV gradativamente o ambão foi sendo deixado de lado, dando vez ao surgimento dos púlpitos. Tal ocorrido podemos assim dizer foi fruto de muitos acontecimentos, dentre os quais a Reforma Protestante e a resposta contrária a esta reforma, teve lugar nos púlpitos que serviram de palco para verdadeiros sermões e pregações apologéticas. Com o Concílio de Trento (1543-1566) e a sua devida aplicação por Pio V, buscou-se uma unidade da forma de celebrar a santa missa, universalizou-se então o Rito Romano, com a remodelação do breviário e a composição do novo missal. Nele encontrava-se o *ordo missae*, lia-se a Epístola, cantava-se o gradual e proclamava-se o Evangelho, tudo próximo ao altar. O próprio padre, ou o diácono segurava o livro do evangelho ou o missal e o púlpito era destinado à pregação²⁵.

Os púlpitos foram posicionados em colunas centrais das naves, para favorecer a sonoridade, para que todos pudessem escutar a voz do sacerdote. Passaram a fazer parte

²² Cf. ANTUNES, Octávio Ferreira. *A Beleza como Experiência de Deus*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 4.

²³ Cf. Jn 2,1.

²⁴ Cf. FELIX, Joaquim *Espaço litúrgico de três capelas*. Pastoral da Cultura, 2017. Disponível em: https://www.snpcultura.org/espaco_liturgico_de_tres_capelas_braga.html. Acesso em: 06 jul. 2021.

²⁵ Cf. GUÉRANGER, Prosper. *A Missa Tridentina: explicações das orações e das cerimônias da Santa Missa*. Niterói: Permanência, 2010, p. 42-45.

da arquitetura das igrejas, tornando-se verdadeiras obras de arte, muitas vezes esculpidas em madeira, outras de pedra. Neles muitas vezes foram representadas figuras bíblicas importantes, ou parábolas de Jesus. Com o tempo os púlpitos passaram a estar presente em outros lugares, como em refeitórios das casas religiosas, em alguma parte externa das igrejas ou em praças, nas quais fosse possível enxergar e escutar quem falava.



Figura 3: Imagem do púlpito da Catedral de Bayeux, França.



Figura 4: Imagem do púlpito externo da Catedral de Sevilha, Espanha.

No séc. XIX, com a criação do microfone, gradativamente o púlpito foi sendo deixado de lado, e nas celebrações, para o sermão posicionava-se uma estante no presbitério, que era retirada ao término, para a continuação da missa. Deste modo notamos que gradativamente a Palavra foi perdendo um espaço físico nas igrejas ao longo dos séculos, sendo que, como veremos, será recuperado somente com o movimento litúrgico e revalorizado com a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, aplicada por Paulo VI.

2. O Vaticano II, Palavra vivida e testemunhada

O papa João XXIII, enquanto bispo, exerceu como um dos seus cargos, ser visitador apostólico, tendo assim, a oportunidade de visitar países e de ver a evolução do mundo da qual a Igreja não tinha acompanhado. Como papa, vendo as necessidades prementes, inspirado pelo Espírito Santo, convocou o segundo concílio ecumênico no Vaticano. Um

dos objetivos do concílio seria o *Aggiornamento*, a abertura da Igreja e adaptação ao mundo moderno. Assim se fez, o papa morreu, mas o seu sucessor Paulo VI deu continuidade ao concílio e dentre os muitos frutos conciliares veio a Reforma Litúrgica²⁶.

A reforma na liturgia abriu a possibilidade da Santa Missa ser celebrada língua vernácula, sendo que o padre passa a rezar voltado para a assembleia, e não mais para o tabernáculo. O altar é separado do sacrário e do baldaquino e colocado ao centro como mesa, onde todos se colocam ao redor. Transforma-se a mentalidade de “assistir” para “celebrar”.

O primeiro documento do concílio foi a *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, trazendo uma nova roupagem para o celebrar, favorecendo a união dos que creem e revigorando a Igreja do Senhor²⁷.

O concílio nos ensina que a obra salvífica do Senhor é continuada pela Igreja, toda vez que se reúne e se realiza na liturgia. Cristo está sempre presente na Igreja, e de forma mais especial na ação litúrgica. “Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se lêem as Sagradas Escrituras”²⁸. Sabemos que a Escritura é um tesouro revelado e deve ser conhecido por todos.

Por isso a SC cuidou de apontar a necessidade de uma maior riqueza bíblica na missa, assim traz a constituição, “Para que a mesa da palavra de Deus seja preparada, com maior abundância, para os fiéis, abram-se largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de certo número de anos, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura”²⁹.

Sobre a necessidade do entendimento das escrituras, podemos tomar São Felipe nos Atos dos Apóstolos, que corre ao encontro do eunuco que lia uma passagem do profeta Isaías e pergunta se ele compreendia o que estava escrito, e o eunuco lhe diz “Como o poderia, se ninguém me explica?”³⁰. O apóstolo explica e o batiza, assim também o sacerdote na homilia busca explicar ao povo, nela “são apresentados o texto sagrado, os mistérios da fé e as normas da vida cristã.”³¹.

O rito coloca o homem em diálogo com Deus e a Igreja é o lugar do encontro, um encontro proporcionado para o homem com seu Deus, que nos chama, convoca, fala e

²⁶ Cf. VERDETE, Carlos. *História da Igreja*. v. 3. Lisboa: Paulus, 2009, p. 51-52.

²⁷ Cf. VERDETE, Carlos. *História da Igreja*. v. 3. Lisboa: Paulus, 2009, p. 58.

²⁸ SACROSANTUM CONCILIUM. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 7. De agora em diante: SC.

²⁹ SC, 51.

³⁰ Cf. At 8, 30.

³¹ SC, 52.

celebra a sua Aliança conosco, e na igreja temos o ambiente para o homem corresponder. O artista sacro Cláudio Pastro em seu livro “Guia do Espaço Sagrado” escreve a respeito do lugar da celebração como o espaço da vida nova, lugar de encontro de iguais e lugar de oração em “Espírito e Verdade”^{32, 33}.

Buscando uma maior e frutífera participação do povo de Deus nos atos litúrgicos, viu-se a necessidade de adaptar também o ambiente celebrativo, como falamos acima o altar é colocado como ilha ao centro do presbitério³⁴, este deve ser visível, sendo o lugar mais importante de todo o ambiente celebrativo. Também no presbitério encontramos os três componentes mais importantes: o altar, o lugar do sacrifício; a sede, o lugar da presidência; e o ambão, a mesa da Palavra. Verificamos que o ambão retorna ao recinto celebrativo das igrejas e passa a ter um verdadeiro valor simbólico e também artístico.

A respeito do lugar da Palavra, Pastro escreve: “Ambão – Lugar alto, do Anúncio, é comparado à pedra do sepulcro da Ressurreição, pois é o próprio Senhor que anunciou e testemunhou”.³⁵ O termo ambão tem sua origem no grego “anabáino”, o mesmo que subir, é o lugar elevado para que a Palavra possa ser conhecida, como canta-se no salmo “seu som ressoa e se espalha em toda a terra, chegue aos confins do universo a sua voz”³⁶.

A *Instrução Geral do Missal Romano* sobre o ambão, o lugar onde se anuncia a Palavra de Deus nos instrui:

A dignidade da palavra de Deus requer que haja na igreja um lugar adequado para a sua proclamação e para o qual, durante a liturgia da palavra, convirja espontaneamente a atenção dos fiéis. Em princípio, este lugar deve ser um ambão estável e não uma simples estante móvel. Tanto quanto a arquitetura da igreja o permita, o ambão dispõe-se de modo que os ministros ordenados e os leitores possam facilmente ser vistos e ouvidos pelos fiéis. Do ambão são proferidas unicamente as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal. Podem também fazer-se do ambão a homilia e proferem-se as intenções da oração universal³⁷.

Se tomarmos o Pontifical Romano encontraremos o Ritual de Dedicção de uma Igreja, onde está a fórmula da prece, a unção do altar e das paredes. No entanto, verificamos que não se encontra no rito nenhuma menção de bênção ao ambão ou à sede. Estas orações estão contidas no ritual de bênçãos. A que versa sobre o ambão, a instrução

³² Jo 4, 23.

³³ Cf. PASTRO, Cláudio. *Guia do Espaço Sagrado*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 22.

³⁴ Cf. MOLINERO, Marcelo Antonio Audelino *O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia para uma teologia do espaço litúrgico*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 36.

³⁵ Cf. PASTRO, Cláudio. *Guia do Espaço Sagrado*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 68.

³⁶ Sl 18.

³⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano*. Disponível em: https://www.liturgia.pt/docs/igmr_5.php. Acesso em: 10 jul. 2021, n. 309. De agora em diante: IGMR.

do rito³⁸, poeticamente lembra a todos os cristãos que a mesa da Palavra do Senhor está sempre preparada. Deste modo assim rezamos:

Deus de infinita bondade, que chamastes os homens para os libertar das trevas e os admitir no reino da vossa luz admirável, nós Vos damos graças porque nunca nos deixais sem o alimento saboroso da vossa palavra e sempre que nos reunimos nesta igreja nos recordais e ensinais as maravilhas da vossa revelação. Nós Vos pedimos, Senhor, que neste lugar ressoe sempre aos nossos ouvidos a voz do vosso Filho, de modo que, seguindo fielmente as inspirações do Espírito Santo, não sejamos apenas ouvintes da vossa palavra, mas a ponhamos em prática com diligência. Aqui os mensageiros da vossa palavra nos ensinem os caminhos da vida, pelos quais sigamos generosamente a Cristo Nosso Senhor e alcancemos a vida eterna³⁹.

Realmente é necessário a todo fiel ter consciência de que na Santa Missa comungamos de duas mesas visíveis, a da Palavra e a do Pão, em vista de servir na mesa da caridade. O Papa Bento XVI em sua Exortação Apostólica *Verbum Domini* nos ilumina a respeito da relação entre a Liturgia e as Sagradas Escrituras. Lembra que a Palavra de Deus não deve estar presente no templo somente nos atos litúrgicos, mas também em outros momentos, fora da celebração⁴⁰. Como nos lembra também Pastro, os Santos Evangelhos são também carregados com solenidade em procissão pelo Diácono até o altar, e do altar ao ambão, para que todos possam ver, que “o Evangeliário é Sacramento do Cristo”⁴¹.

É preciso, pois, abrir o coração, os olhos e os ouvidos para conhecer o que Deus nos quer revelar. É o ambão o espaço pelo qual se manifesta que o Senhor se mostrou por sua Palavra, é de onde proclamamos e anunciamos a salvação, com alegria e esperança conhecemos a história da Salvação. É de lá que se explica e coloca-se em prática, para que não fique apenas na escuta, mas possa também ser vivida, praticada e renovada⁴².

Conclusão

Neste artigo refletimos de forma mais demorada e cuidadosa sobre o ambão, o espaço destinado à proclamação da Palavra de Deus nas Igrejas Católicas. Como vimos, ao buscar uma maior e mais frutífera participação do Povo de Deus nos atos litúrgicos, houve

³⁸ Cf. IGMR, 900.

³⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Celebração das Bençãos*. Coimbra, 2009. Disponível em: <https://www.liturgia.pt/rituais/Bencaos.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2021, n. 916.

⁴⁰ Cf. BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja. Roma, 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em 11 de jul. 2021, n. 68.

⁴¹ Cf. PASTRO, Cláudio. *Guia do Espaço Sagrado*. São Paulo: Loyola, 1999, p 168.

⁴² BOROBIO, Dionisio. *A dimensão estética da Liturgia*. Arte sagrada e espaços para a celebração. São Paulo: Paulus, 2010, p. 71.

a necessidade de organizar melhor o espaço celebrativo e assim, o altar é colocado como ilha ao centro do presbitério, bem visível e com lugar de destaque e maior importância; ainda no presbitério, com o altar, o lugar do sacrifício, temos a sede, o lugar da presidência e o ambão, a mesa da Palavra, com um verdadeiro valor simbólico e também artístico.

Fizemos também um breve histórico, desde a Igreja nascente até o final do século XIX, verificando que a Palavra sempre esteve presente como parte importante do Rito, embora nem sempre houvesse tido espaço físico destinado à sua proclamação. Ao realizar tal percurso, observamos o ambão, o púlpito e a estante.

Destacamos, então a contribuição do Concílio Vaticano II e de sua reforma litúrgica, com o decisivo e esclarecedor documento, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, que relembrou os princípios e estatuiu as normas práticas para a renovação e o incremento da Liturgia.

Constatamos que, a partir deste momento histórico, um lugar apropriado e digno é novamente fixado nas Igrejas, destino às leituras dos textos Sagrados, bem como à proclamação do Evangelho. Demos ênfase também ao fato de termos consciência de que na Santa Missa, comungamos de duas mesas visíveis, a da Palavra e a do Pão.

Queremos encerrar este nosso esforço de estudo, apresentação e reflexão, afirmando: “com razão, pois, a Liturgia é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercício o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros”⁴³.

Referências

ANTUNES, Octávio Ferreira. *A Beleza como Experiência de Deus*. São Paulo: Paulus, 2010.

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja. Roma, 2010.

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1997.

BOROBIO, Dionisio. *A dimensão estética da Liturgia*. Arte sagrada e espaços para a celebração. São Paulo: Paulus, 2010.

⁴³ SC, 531.

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. v. 1. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Celebração das Bênçãos*. Coimbra, 2009. Disponível em: <https://www.liturgia.pt/rituais/Bencaos.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano*. Disponível em: https://www.liturgia.pt/docs/igmr_5.php. Acesso em: 10 jul. 2021

FELIX, Joaquim *Espaço litúrgico de três capelas*. Pastoral da Cultura, 2017. Disponível em: https://www.snpcultura.org/espaco_liturgico_de_tres_capelas_braga.html. Acesso em 06 jul 2021.

GUÉRANGER, Prosper. *A Missa Tridentina: explicações das orações e das cerimônias da Santa Missa*. Niterói: Permanência, 2010.

IGREJA CATÓLICA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

MOLINERO, Marcelo Antonio Audelino *O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia para uma teologia do espaço litúrgico* [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, 2019.

PASTRO, Cláudio. *Guia do Espaço Sagrado*. São Paulo: Loyola, 1999.

ROPS, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: QUADRANTE, 1988.

VERDETE, Carlos. *História da Igreja*. v. 3. Lisboa: Paulus, 2009.